

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
Suely Lucena Canha

Crise habitacional na cidade de São Paulo: reflexões a partir do “Quarto de
Despejo”

São Paulo
2016

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Suely Lucena Canha

Crise habitacional na cidade de São Paulo: reflexões a partir do “Quarto de Despejo”.

Trabalho temático apresentado para as disciplinas do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

São Paulo

2016

Suely Lucena Canha

Crise habitacional na cidade de São Paulo: reflexões a partir do “Quarto de Despejo”.

Trabalho temático apresentado para as disciplinas do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Adriana Maria de Souza

Profa. Dra. Carla Regina Mota Dieguez

Profa. Me. Daniele Cristina Gonçalves Brene Pires

Prof. Dr. Ivan Russef

Prof. Me. José Mário de Oliveira Mendes

Profa. Maria das Mercês Pereira Apóstolo

Profa. Maria Rosa Crespo

Prof. Me. Wanderson Scapechi

Aprovado em __/__/__

RESUMO

Este trabalho pretende, por meio do livro "*Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*" de Carolina Maria de Jesus, tecer uma reflexão sobre fatores relacionados às deficiências de habitação na cidade de São Paulo entre as décadas de 1930 e 1970. Tais fatores serão analisados sob o ponto de vista estrutural, urbanístico e político, a fim de explicar de que forma contribuíram para o surgimento das primeiras favelas que culminaram na remodelação socioespacial do município.

Analisa-se também a maneira como esse fenômeno foi percebido pela autora e protagonista da obra face ao tratamento despendido pela administração pública em relação a essa questão. Para tal, não se descartou a necessidade de uma breve abordagem de fatores historicamente relevantes ocorridos alguns anos antes ao período supracitado como forma de contextualização e melhor entendimento do tema central.

Palavras-Chave: Cidade de São Paulo. Urbanização. Favela. Crise habitacional.

ABSTRACT

This paper intends, through the work “*Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*” by Carolina Maria de Jesus, to discuss about associated factors to housing deficiencies from São Paulo city between the 1930s and the 1970s. These factors will be analyzed from the structural point of view, urbanistic and political, to explain how they contributed to the emergence of the first slums that culminated in the socio-spatial remodeling in the municipality. It is also analyzed the way this phenomenon was perceived by the book’s author and protagonist about the public administration treatment regarding to this issue. For that, it was necessary to approach historically relevant factors occurred a few years prior to the aforementioned period as a way of contextualization and better understanding of the central theme.

Key-words: São Paulo City. Urbanization. Slum. Housing crisis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A CRISE HABITACIONAL DA CIDADE DE SÃO PAULO NAS DÉCADAS DE 30 A 70: UMA QUESTÃO ESTRUTURAL.....	8
3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSOLIDAÇÃO DAS FAVELAS PAULISTANAS	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	14

1 INTRODUÇÃO

“Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais.” (Carolina Maria de Jesus)

Se podemos exemplificar aquilo que nos propõe “a história vista de baixo”¹, com toda certeza o fazemos com destreza a partir do estudo da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus, pois retrata-se a realidade de milhares de brasileiros fadados a viver à margem dos indicadores e documentos oficiais ao longo da história da cidade de São Paulo.

À sua contemporaneidade, a autora, através da escrita de seu diário, nos permite, hoje, adentrar toda a crueza de um ambiente que nascia e crescia no seio de uma sociedade envolvida pelo discurso desenvolvimentista que ganhou força nos núcleos em que ocorriam acentuado crescimento e expansão urbanos, principalmente a partir da década de 30 do último século.

Expondo um exemplo, não único, porém elucidador, de como tais questões perpassaram o espaço, tempo e história, revisitemos o evento ocorrido sob a gestão do prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro iniciada em 1903 que visava, a partir de medidas higienistas, o replanejamento da cidade aos moldes do apreciado Modelo *Belle Époque*, mas que contribuiu para a formação de aglomerações humanas e surgimento de núcleos populacionais às margens daquela cidade, delimitando então novos contornos sociais².

Todavia, o que constitui o objeto de estudo deste trabalho é sua ocorrência na cidade de São Paulo em meados do século XX, considerando que as situações advindas do evento como acima citado se perpetuaram para além da República Velha e se fizeram presentes em outros locais e contextos; “nos ‘mocambos’ de Recife, nas ‘malocas’ de Porto Alegre ou nas ‘invasões’ e os ‘alagados’ de Salvador” (SANTOS, 1982 apud PAULINO, 2007 p.80).

Tão importante quanto compreender o pensamento de Carolina Maria de Jesus em sua obra e suas profundas contestações acerca do meio em que vivia, é

¹ Esse termo foi utilizado por Edward Thompson (“History from Below”, The Times Literary Supplement, 7 de abril de 1966, p.278-280) e embasou a ampliação dos estudos históricos a partir de “pessoas comuns” e documentos não oficiais do ponto de vista da historiografia tradicional.

² Este evento histórico foi citado pois, embora haja grande número de estudos sobre o surgimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro e as implicações sociais decorrentes, a reforma urbanística executada por Pereira Passos ainda é comumente vista somente como marco de desenvolvimento econômico associado à História da cidade.

pensar como se desenvolveram os processos econômicos, sociais e políticos que favorecem o surgimento desse fenômeno social denominado “favela”, assim como a maneira como ele foi se consolidando na configuração socioespacial da cidade de São Paulo nas últimas décadas.

Consideráveis vezes, tais questões foram abordadas em produções de crítica social de conhecidos escritores na literatura brasileira como, por exemplo, Lima Barreto³. O que, de fato, nos faz celebrar ainda mais a inclusão de Carolina no rol de escritores tão importantes, são as contribuições de seus escritos que, mais tarde, em 1960, viriam a público com o lançamento do livro “*Quarto de Despejo-Diário de uma favelada*”, que afere uma dura, mas precisa crítica à sociedade e ao poder público da época, e que nos permite, por vezes, refletir realidades muito próximas, mas que escapam ao nosso olhar cotidiano. Sendo assim, repensar a “favela” enquanto fenômeno urbano, assim como as problemáticas que permeiam o termo são os elementos basilares do texto que se segue.

Para compreendermos os mecanismos que impulsionaram o surgimento de favelas na cidade, inclusive aquela em que viveu Carolina Maria, é preciso debruçar-se em estudos sobre o tema e lançar-se ao entendimento crítico de documentos e fatos que, via de regra, foram negligenciados pela História Oficial, ou que tiveram participação coadjuvante e diluída no discurso das edilidades de São Paulo ao longo do último século.

A fim de lumiar o contexto no qual está inserida a obra, resgatamos alguns eventos sobre questões de cunho estrutural e econômico que remontam o início do século 20, assim como algumas medidas tomadas pela prefeitura de São Paulo que reconfiguraram o espaço da cidade e que contribuíram para a crise habitacional das décadas seguintes.

Para isso, juntamente a excertos da obra “Quarto de Despejo” serão utilizadas contribuições de outros autores que discorreram sobre o tema para que haja o entendimento mais amplo e problematizado entre produção literária e contexto a qual está relacionada.

³ Autor considerado ferrenho crítico do contexto da Primeira República (SCHWARCZ, 2012). Escreveu diversas crônicas que abordavam economia, política e mazelas sociais.

2 A CRISE HABITACIONAL DA CIDADE DE SÃO PAULO NAS DÉCADAS DE 30 A 70: UMA QUESTÃO ESTRUTURAL

O período de acentuado fluxo imigratório, até aproximadamente 1920, consolidou na cidade, como uma alternativa de moradia popular, o surgimento e difusão de habitações coletivas “cortiços” em bairros como Brás, Bexiga e Barra Funda, os quais eram ocupados essencialmente por europeus imigrantes (SILVA, 2001). Tal característica se configura dentro do período analisado como a primeira segregação socioespacial da cidade, que compreende do final do século XIX até 1940 e segunda de 1940 até 1980. (CALDEIRA, 2000, p.2).

A crise habitacional no qual está inserida Carolina pode ter origem mais precisamente nos desdobramentos sociais oriundos do “Plano de Melhoramentos” ocorrido sob a gestão de Raymundo Duprat durante os anos 1911 a 1914.

O Plano de Melhoramentos marcou uma série de reformas urbanas extinguindo grandes áreas de concentração de cortiços, áreas de mercado e prostituição, que seriam justificadas como medidas sanitárias e de embelezamento da cidade. (PICCINI, 2004 p. 35-37).

Para tanto, as iniciativas dessa natureza, que seriam tomadas para a resolução do problema causado pelos desalojamentos massivos, teriam consequências estendidas por sobre décadas posteriores.

Mais tarde, no final da década de 1930, porém seguindo a mesma tendência e ainda no mesmo espaço, como alternativa tão barata quanto precária, os porões daquelas edificações que ainda resistiram passaram a ser ocupados principalmente por migrantes de outros estados do Brasil, que representava um significativo estrato populacional de baixa renda⁴.

Carolina Maria de Jesus chegou à cidade de São Paulo em 1937, período de grandes mudanças econômicas e ainda fortemente marcado por eventos relativamente recentes à época que caracterizaram a transição rumo a uma sociedade industrializada, dentre os quais destacam-se o deslocamento de grande contingente populacional e a consequente adequação do espaço físico da cidade.

⁴ Neste momento da História de São Paulo ocorre acentuado processo de industrialização e aumento do fluxo migratório. O declínio da economia agrícola baseada principalmente na produção cafeeira impulsionou o êxodo rural para a região sudeste do Brasil

A partir da década de 1940, o processo de urbanização toma impulso no Brasil, concomitantemente ao aumento das atividades industriais nas cidades, que atrai a mão-de-obra desocupada ou subocupada na zona rural. O censo do IBGE, de 1940, o primeiro a dividir a população do Brasil em rural e urbana, apontava que 68,90% dos brasileiros viviam nos campos naquele momento. (BORDO, 2005)

Vale comentar, conforme Santos (apud BARRONE, 2015, p.1) que antes de passar a residir na favela do Canindé, local onde começou a escrever sua obra, o cortiço, enquanto moradia, fez parte de trajetória urbana de Carolina Maria de Jesus assim como de milhares de outros migrantes que se deslocaram de outras partes do Brasil para aquela que se tornava a maior metrópole da América Latina.

Também como parte daquela conjuntura econômica e acompanhando o discurso desenvolvimentista da época, ressurgiram as inovadoras mobilizações de expansão e reorganização espacial da cidade, para construção e alargamentos de vias que pretendia maior circulação do tráfego, a fim de suprir não mais o trânsito de pessoas ou carroças, outrora característica da sociedade, mas principalmente de veículos de grande porte e de mercadorias.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista urbanístico, muitas edificações habitadas estavam nos locais nos quais pretendia-se a construção de vias e avenidas, foram sendo retomados os discursos de higienistas sanitaristas que asseguravam o quão inapropriadas e insalubres eram aquelas habitações.

Já nessa época, implícita ao discurso de interesse que justificava ambas as partes, em suma, havia a declaração de que habitações e vias não mais coexistiriam num mesmo espaço.

Somando-se aos fatores já citados que contribuíram para a crise, nos propõe Silva (2007) que a Lei do Inquilinato de 1942, de certa forma fez minguar o interesse de proprietários quanto na construção ou manutenção de edificações com intuito de torná-las moradias coletivas.

Conseguimos, desta forma, identificar em "*Quarto de Despejo*" uma realidade que em sua origem evidencia como os resultados daquelas reformas urbanísticas afetaram diretamente as vidas dos indivíduos, pois a própria autora indo residir na favela do Canindé passou a compor as estatísticas sobre aqueles que ficaram desamparados pelo poder público. Segundo estimativas apresentadas por BONDUKI (1988, p.111, apud SILVA, 2007 p.9).

Em 1945 foram assinadas 2.614 ações de despejo, número que subiu para 5.121 em 1946” onde 15.000 famílias foram despejadas, atingindo algo em torno de 75.000 pessoas. Os despejos chegaram a afetar entre 10 e 15% dos munícipes.

Enquanto testemunho ocular, a autora sintetizou esse panorama de crise habitacional a qual estava submetida, como se observa no trecho a seguir extraído de sua biografia: “É que em 1948 quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes” (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 28).

Grande parte do contingente desalojado, seja dos terrenos privados ou públicos, passaria a ocupar terrenos ociosos, inclusive aqueles às várzeas do Rio Tietê, onde se localizava a Favela do Canindé, local onde Carolina residiu entre os anos de 1948 e 1960. Isso nos prova ainda mais que a pobreza urbana antes recolhida aos porões de casas e os cortiços passou a ganhar maior visibilidade por meio da ocupação dessas áreas.

Os primeiros barracos do Canindé surgiram quando o governador quis “limpar” o centro da cidade e mandou que caminhões levassem os moradores de rua para outro lugar. Esse outro lugar era o Canindé, as margens do rio Tietê. Não se tratava de uma grande favela, comparada com as de hoje em dia. Tinha cerca de 180 casas e uma só torneira onde as mulheres buscavam água. (SANTOS; BORGES, 2013, p.6)

Evento contraditório que pode exemplificar essa questão, citamos aquela considerada uma das primeiras favelas da cidade de São Paulo, denominada “Prestes Maia” pois remetia ao prefeito naquele momento. Ela surgiu após ação de desocupação que se fez necessária para a construção da Avenida 9 de julho, parte do “Plano de Avenidas” que fez migrar a população que ali residia para barracões da prefeitura ao longo da Avenida do Estado. Gestões seguintes dariam continuidade às remoções de pessoas do Centro da cidade, empurrando essa parcela da população as áreas delegadas. Caso que ocorreu com a favela do Canindé. A ocupação da área que mais tarde seria a “Favela do Canindé” iniciou-se após remoção de 99 famílias de um terreno particular para um terreno público, seguindo a mesma lógica, o processo de desalojamento e reconstrução dos barracos ocorreu

com incentivo e consentimento da prefeitura. (GODINHO, 1955 apud PAULINO, 1991 p. 81)

O produto dos escritos de Carolina tornou-se ainda mais original dada sua breve vivência escolar, mas aguçado senso crítico, e nos fornece inúmeros elementos acerca do cotidiano na favela.

Aqui na favela há os que fazem os barracões para residir e os que fazem para alugar. E os aluguéis são quinhentos a setecentos cruzeiros. E os que fazem barracões para vender. Gasta quatro mil cruzeiros e vendem por onze mil cruzeiros (JESUS, 1995 p.41)

Com isso, é interessante observar que a concepção de Carolina na condição de residente daquele núcleo é marcada por uma constante crítica, não somente ao Estado, mas também em relação aos próprios residentes nas microrelações existentes no local. Ironicamente, também ao surgimento de um pequeno “mercado imobiliário” de venda e aluguel originado dentro da favela.

3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSOLIDAÇÃO DAS FAVELAS PAULISTANAS

Aos olhos do poder público o fenômeno favela enquanto problema social pungente só veio a ser reconhecido oficialmente em 1973 após o primeiro “Cadastro de Favelas do Município” realizado pela prefeitura de São Paulo.

De acordo com dados extraídos desse cadastro, percebe-se a pouca importância dada ao problema até o ano de sua divulgação.

A montagem de um Cadastro de Favelas, na Secretária do Bem-Estar Social, em 1973, permitiu uma mensuração bastante exata do número de favelas e domicílios. Através do dado “pessoas por unidade domiciliar” foi estimado o número da população favelada total. Em 1973/1974 a população favelada paulistana não alcançava 72 mil pessoas (71.840), cerca de 1,1 % da população municipal. (TASCHNER, 1999, p.10)

Ou seja, talvez por parecer ínfimo o número de favelados na cidade, Carolina Maria de Jesus e os seus estavam situados numa faixa populacional quase que completamente ignorada por indicadores oficiais mesmo após o lançamento do livro.

Dado isso, redobra-se a importância de sua obra enquanto “documento não oficial” de denúncia às deficiências do sistema.

O trecho a seguir evidencia a percepção que Carolina mantinha quanto o descaso das autoridades para com a população favelada:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão de que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas. (JESUS, 1993 p.73)

Alguns estudos evidenciaram que os primeiros núcleos de Favelas em São Paulo, tal qual a aceção mais generalista do termo nos sugere, datam anterior à década de 40, “(...) há registro de uma favela que existe desde 1935 e de quatro outras seguidas nos dois anos posteriores”. (COELHO, 2002, Apud, PAULINO, 2007, p.81)

Sendo assim, ainda que por ora não exploremos profundamente a literatura sobre o tema, a consolidação do fenômeno favela pode ser visto sob dois vieses principais, o primeiro à luz de algumas abordagens sobre esse objeto que apontam para seu surgimento e consolidação já desde a década de 1930 e os trabalhos posteriores ao lançamento do livro “Quarto de Despejo”, e o outro, após a sua oficialização pelo Registro de Favelas do Município, considerado o primeiro levantamento estatístico consistente emitido pela prefeitura em relação ao problema.

Paulino (2007, p.73) considera que a publicação de *Quarto de Despejo* foi fator importante para o aumento dos estudos sobre o fenômeno “favela” em São Paulo e também atribui considerável parcela de contribuição para o surgimento do Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD) em 1961.

Não seria à toa que a publicação dessa obra teria repercussão na mídia e opinião pública, tendo em vista o número de vendas na primeira semana e a tradução para mais de 13 idiomas.

Coincidência ou não, a favela do Canindé onde Carolina Maria de Jesus narrou seus infortúnios por meio dos registros em seu diário, seria extinta pouco tempo após o lançamento do livro. Sua remoção, em 1961, se deu como parte projeto de desfavelamento da cidade de “São Paulo” especificamente com o projeto “Desfavelamento do Canindé” promovido pela divisão de Serviço Social do Município

que alegou que tal ação se deu, prioritariamente, por estar situada numa área de várzea onde população há anos sofria com enchentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Carolina, mesmo com a grande repercussão na década de 1960, não só no Brasil, mas em diversos outros países, nos faz refletir que ainda nos dias atuais nos deparamos com duas problemáticas recorrentes: uma quanto a dificuldade e necessidade urgente de romper os postulados atribuídos às favelas como locais de marginalidade e insalubridade, uma vez que tais justificativas estão extremamente arraigadas na nossa sociedade, e a outra sobre compreender a formação de núcleos urbanos irregulares como resultado de processos que se perpetuam ao longo do tempo.

Conclui-se diante disso que tais questões analisadas e refletidas no decorrer deste trabalho nos mostraram que mais que uma obra autobiográfica, *Quarto de Despejo - Diário de uma favelada* pode ser considerado como registro e crítica de deficiências micropolíticas presentes na sociedade à época de sua autora, mas que se estendem e ainda se fazem presentes aos dias atuais no que tange, entre muitas outras, as questões e problemas habitacionais que desde sua gênese refletem a deficiência estrutural e descaso do Poder Público para com essa parcela da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRONE, Ana Cláudia Castilho. Carolina Maria de Jesus, uma trajetória Urbana. In: XVI Enapur, 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Anpur, 2015. p.1-15. Disponível em: <http://xvienanapur.com.br/anais/?wpfb_dl=649>. Acesso em: 01. Nov.2016.

BORDO, Adilson Aparecido. Os eixos de desenvolvimento e a estruturação urbano-industrial do estado de São Paulo, Brasil. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2005, vol. IX, n. 194 <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-79.htm>>. Acesso em 28.Out.2016.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, EDUSP/Ed. 34, 2000, 211 p.

CASTRO, Eliana de Moura e MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina!** Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo - Diário de uma favelada**. São Paulo. Ática, 1993. 173 p.

PAULINO, Jorge. **O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 157 p.

PICCINI, Andrea. Cortiços: parâmetros físicos e de legislação. In: _____. **Cortiços na cidade: conceito e preconceito na reestruturação do centro urbano de São Paulo**. 2ºed. São Paulo, Annblume, 2004. p.35-37.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; BORGES, Valdeci Rezendo. Quarto de despejo: o espaço na obra de Carolina de Jesus. **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, 2013. V3, n.1. p. 1-8.

SCHWARCZ, Lilia. Moderna República velha: um outro ano de 1922. **Rev. Inst. Estud. Bras.** São Paulo , n. 55, p. 61, set. 2012 . Disponível em :<<http://dx.doi.org/10.1590/S0020-38742012000200005>>. Acesso em 24 out. 2016.

SILVA, José Carlos Gomes da. História de vida, produções literárias e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus (1914-1977). In: RODRIGUES, Guimes; PERON, Cristina M. R.. (Org.). **Racismo e educação: contribuições para a implementação da lei 10639/03**. 1ed.Uberlândia: Edufu, 2011, v. 1, p. 96-121

TASCHNER, Suzana Pasternak. Favelas em São Paulo – censos, consensos e contra-sensos. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, n.5, p.10, 1999. Disponível em: <<http://cadernosmetropole.net/system/edicoes/arquivos/000/000/006/original/cm5.pdf?1474650638>>. Acesso em 21 out. 2016